Intel investe com foco em novos mercados
Cliff Edwards

Quando o executivo-chefe Paul S. Otellini disse este ano que a Intel iria investir US$ 7 bilhões para melhorar suas unidades de produção nos Estados Unidos, pareceu um exemplo de como a maior fabricante de chips do mundo iria adotar medidas agressivas, enquanto outras companhias passavam por problemas. Mas, nos bastidores, executivos da cúpula e diretores estavam engajados em uma discussão violenta. Embora a companhia tenha um longo histórico de investir bastante em períodos de baixa, vários membros do conselho de administração questionaram se essa estratégia tradicional ainda fazia sentido, segundo fontes familiarizadas com as discussões. Não só a economia parecia mais difícil do que em qualquer outro momento da história da Intel, como os enormes investimentos dos últimos anos não ajudaram a melhorar os preços de suas ações.

Otellini prevaleceu na questão dos investimentos. Mas o conselho conseguiu concessões: os diretores o pressionaram a cortar as despesas, com a demissão de 6 mil funcionários e o fechamento de várias fábricas velhas. Os pagamentos por mérito foram eliminados. E o comitê de remuneração, liderado pelo ex-presidente da Federal Communications Commission (FCC) Reed Hundt, atrelou mais do que nunca a remuneração dos executivos ao desempenho do mercado de ações. Os salários-base foram congelados e outras compensações serão mais ou menos determinadas pelo desempenho das ações da Intel em relação a uma cesta de ações de companhias do setor. As medidas "pretendem focar os funcionários, nesse ponto de inflexão crítico, na criação de altas sustentáveis nos preços de nossas ações", escreveu o comitê de Hundt no relatório aos acionistas.

Otellini poderá ter dificuldades para reivindicar todo o seu dinheiro. A Intel ainda é de longe o mais destacado fabricante de chips para computadores pessoais, com uma participação de mercado de 82% - próxima da alta histórica. A companhia também possui uma nova família de chips mais sofisticados que está atraindo muitos compradores, da Apple e a Cisco Systems, à General Electric (GE). Mas os investidores não estão impressionados. A ação da companhia acumula queda de quase 40% nos últimos cinco anos, depois que grandes instituições como a Fidelity Investments, T. Rowe Price, HSBC Holdings e BlackRock se desfizeram da maioria de suas posições. "A Intel está no limbo", diz David Eiswert, um gerente de carteiras da T. Rowe Price.

Os temores dos investidores foram alimentados pelo anúncio dos resultados da Intel no primeiro trimestre, em 14 de abril. Embora Otellini tenha dito que a demanda por PCs chegou ao fundo do poço, o lucro líquido da Intel caiu 55% e ele não quis fornecer perspectivas para a receita em 2009.

A questão para os investidores é a mesma sobre a qual Otellini e seu conselho vêm se debatendo: será que a Intel continuará conseguindo liderar a indústria tecnológica da mesma maneira que o fez no passado? Durante décadas a Intel despejou bilhões de dólares em suas fábricas para criar microprocessadores cada vez mais potentes. Os clientes brigavam para conseguir PCs com os chips mais novos tão logo eles eram lançados, pagando ágio e aumentando os lucros da Intel, de modo que ela podia reiniciar sempre o ciclo de investimentos.

Mas a maioria dos clientes não está mais voltada para as velocidades dos chips. Eles já são rápidos o suficiente. Ao mesmo tempo, as vendas de PCs estão diminuindo. O círculo virtuoso da Intel parece que poderá ser interrompido. A receita de US$ 37,6 bilhões do ano passado foi mais ou menos a mesma de 2005. O lucro líquido do ano passado, de US$ 5,3 bilhões, foi 40% menor que o de quatro anos antes. Os investidores questionam abertamente se já não é hora da Intel diminuir seus investimentos. "Essa companhia está no estágio em que as pessoas se perguntam qual é seu potencial de crescimento", afirma o analista Uche Orji, do UBS.

Otellini não tem interesse em reduzir o ritmo. Em vez disso, ele pretende revitalizar as vendas no principal negócio da Intel, o de PCs, ao mesmo tempo em que guia a companhia para novos mercados em crescimento. Ele vê uma oportunidade promissora de diversificação com uma

nova família de chips chamada Atom, voltada para qualquer aparelho que precise de potência de processamento e acesso à internet, de um televisor conectado à internet a uma caixa registradora do Wal-Mart que acesse preços e ofereça cupons personalizados aos clientes. Esses negócios poderão acrescentar US$ 10 bilhões às vendas da Intel até 2011, segundo Otellini. "O Atom é um veículo de entrada que poderá usar o melhor de nossa tecnologia para atuar em novos mercados."

Muitos grandes investidores estão céticos porque já foram prejudicados antes pelos planos de diversificação da Intel. No fim da década de 90 a companhia gastou dezenas de bilhões de dólares na tentativa de entrar em novos mercados durante os anos emocionantes da bolha pontocom, apenas para dar baixa contábil na maioria dos investimentos depois do estouro. Então, no fim de 2003 ela permitiu à concorrente Advanced Micro Devices (AMD) sair na frente na área mais lucrativa da Intel, o mercado de servidores corporativos, com os chips de alto desempenho e baixo consumo de energia que os clientes amaram. A Intel reconquistou seu lugar dois anos depois. Mas os investidores observam que ela tinha que superar apenas a AMD, em meio a um salto enorme da demanda na China, Índia e outras economias em desenvolvimento.

Hoje, a Intel enfrenta ventos desfavoráveis com a fraqueza da economia mundial, e nos negócios em crescimento ela está mirando um punhado de companhias estabelecidas e de "bolsos fundos" que inclui a Qualcomm, a Texas Instruments e a Nvidia. O grande choque ocorrerá por causa dos novos tipos de aparelhos de computação móvel, de telefones celulares avançados aos baratos netbooks e os produtos que estão surgindo no meio. Esse mercado poderá ser duas vezes maior que o dos PCs tradicionais.

A Qualcomm e outras estão usando uma arquitetura de chips concorrente, criada por uma companhia chamada ARM Holdings, que pode rodar o dia inteiro sem acabar com a bateria de um aparelho, ao contrário dos chips da Intel. Os concorrentes também estão cortejando a Microsoft e outras para que elas criem programas fáceis de serem usados pelos consumidores e que rodem com seus chips, antes da Intel atacar. Eiswert, da R. Rowe Price, diz que o grande número de concorrentes apresenta um desafio: "Todos eles estão contra a Intel".

A Intel precisa fazer investimentos pesados para que o Atom possa ser tão eficiente do ponto de vista energético quando os chips da ARM até o ano que vem. Sem os chips mais econômicos, a Intel poderá muito bem ver fabricantes de aparelhos se transformarem em concorrentes. "É uma corrida que está acontecendo no momento, para ver quem chegará lá primeiro", diz Paul E. Jacobs, presidente-executivo da Qualcomm.

O conselho da Intel está fazendo Otellini e sua equipe colocar em jogo grande parte de sua remuneração no sucesso da empreitada. Este ano, os 21 principais executivos receberam "outperformance stock units", em lugar das usuais opções de ações e ações restritas. O valor dessas unidades, que tornam-se exercíveis em três anos, será atrelado ao desempenho das ações da Intel em relação a 15 companhias de tecnologia que fazem parte do índice S&P 100, incluindo a IBM, Hewlett-Packard (HP) e Microsoft. E não é só os pagamentos deste ano que estão na mira. Otellini detém opções sobre 5,6 milhões de ações da Intel, de concessões que datam de 1999. Todas elas estão "submersas".

Otellini e sua equipe também enfrentam uma supervisão mais independente do conselho. Em janeiro, Jane E. Shaw, de 69 anos, uma ex-executiva do setor farmacêutico, foi nomeada para substituir Craig Barrett, o ex-presidente-executivo da Intel, como presidente do conselho de administração no mês que vem. Será a primeira vez que alguém de fora da companhia assume o cargo. Shaw, Hundt e outros membros do conselho não quiseram dar entrevistas.

Mesmo assim, executivos da companhia possuem uma visão clara de seus objetivos de longo prazo. Em janeiro, na reunião anual de sua equipe de vendas no Venetian Resort Hotel Casino em Las Vegas, o vice-presidente executivo Sean M. Maloney, que comanda as áreas de vendas e marketing, disse aos funcionários que a Intel não está imune "à mãe de todas as recessões". Mas ele disse que os riscos tomados pela Intel valeram a pena pois possibilitaram tecnologias

que mudaram o mundo. "A pior coisa para a gente fazer é evitar as experimentações, as tentativas de criar coisas novas para ampliar o mercado."

Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 27 abr. 2009, Empresas & Tecnologia, p. B2.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais